

Educació i Història: Revista d'Història de l'Educació
Núm. 24 (juliol-desembre, 2014), pàg. 29-50
Societat d'Història de l'Educació dels Països de Llengua Catalana
ISSN: 1134-0258
e-ISSN: 2013-9632

DOI: 10.2436/20.3009.01.133

TEMA MONOGRÀFIC

A pedagogia alemã e a imprensa
pedagógica portuguesa como vasos
comunicantes: o caso da revista *Froebel*
*German pedagogy and Portuguese
pedagogic press as communicating vessels:
the case of the Froebel journal*

José Viegas Brás
zevibras@gmail.com

Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias (Portugal)

Maria Neves Gonçalves
maria.neves.g@gmail.com

Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias (Portugal)

Data de recepció de l'original: gener de 2014

Data d'acceptació: març de 2014

RESUM

Aquest article pretén analitzar la presència social de l'educació a la premsa pedagògica. Hom sap que els mitjans de comunicació van tenir un paper important en la circulació i difusió d'idees i pràctiques educatives. Amb aquesta finalitat, s'ha seleccionat la revista *Froebel* (1882-1885) per fer-ne una anàlisi. Els objectius que persegueix aquest estudi són: a) la interpretació de les innovacions curriculars difoses per la revista *Froebel*, en el context educatiu de la fi del segle XIX a Portugal; b) analitzar l'impacte educatiu que la revista *Froebel* va tenir a final del segle XIX; c) discutir el valor

historicoeducatiu que els conceptes educatius introduïts per la revista *Froebel* van tenir en la realitat portuguesa. S'ha utilitzat com a mètode d'anàlisi de la revista les seves condicions de realització i producció. Aquestes dues condicions estan determinades per un conjunt de relacions que s'estableixen en un context donat, entre els membres d'un grup de persones. És important tenir-ho en compte pel fet que els canvis impliquen la combinació d'aquests dos tipus de factors. Com a conclusió d'aquest estudi podem dir que la revista analitzada va tenir un gran impacte en la comunitat educativa portuguesa, ja que les concepcions que la revista defensava s'oposaven a la pedagogia tradicional que existia en aquell moment a Portugal. L'educació es forja en una comunitat d'idees, i és possible identificar les que a la revista es materialitzaren –la influència dels principis pedagògics de l'educador alemany és evident en les opcions pedagògiques dels educadors portuguesos de final del segle XIX. Creiem que legítimament podem dir que la revista *Froebel* conduí a una nova concepció educativa. Amb ella, es van promoure pràctiques d'ensenyaments innovadors –viatges escolars, lliçons de coses, museu educatiu, guarderia, educació física i arts.

PARAULES CLAU: premsa pedagògica, revista *Froebel*, innovacions curriculars, Portugal.

ABSTRACT

The aim of this article is to analyze the social presence of education in pedagogic press. It is known that the media had an important role in the circulation and dissemination of educational ideas and practices. To this end, we selected the *Froebel* magazine (1882-1885) to analyze it. The objectives of this study are: a) The objectives of this study are: a) the interpretation of curriculum innovations spread by the *Froebel* magazine, under the educational context of the late 19th century in Portugal; b) to analyze the impact that Froebel had on education at the end of the 19th century; c) to discuss the historical and educational impact that the pedagogic concepts introduced by Froebel journal had on the Portuguese reality. The development and production conditions of the magazine have been used as a method of analysis. These two conditions are determined by a set of relationships in a given context, among the members of a group of people. It is important to bear in mind the fact that changes imply the combination of these two kinds of factors. In conclusion we can say that the analyzed magazine had a great impact on the Portuguese educational community, since the conceptions magazine defended opposed the traditional pedagogy that existed at that time in Portugal. Education is built within a community of ideas and it is possible to identify those that materialised in the magazine, such as the

influence of pedagogical principles of German educators, which is reflected in the choice of educators teaching Portuguese in the late 19th century. It may be said that the *Froebel* magazine led to a new conception of education, promoting innovative teaching practices –school trips, lessons, educational museum, kindergarten, physical education and arts.

KEY WORDS: pedagogic press, *Froebel* journal, curriculum innovations, Portugal.

RESUMEN

Este artículo tiene como objetivo abordar la presencia social de la educación en la prensa pedagógica. Hemos tomado esta decisión debido a que los medios de comunicación tuvieron un papel importante en la circulación y difusión de ideas y prácticas educativas. Con este fin, seleccionamos la revista *Froebel* (1882-1885) para su análisis. Los objetivos que persigue este estudio son: a) La interpretación de las innovaciones curriculares difundidas por la revista *Froebel*, bajo el contexto educativo a finales del siglo XIX en Portugal; b) Analizar el impacto educativo que la revista *Froebel* tuvo a finales del siglo XIX; c) Discutir el valor histórico-educativo que los conceptos educativos introducidos por la revista *Froebel* tuvieron en la realidad portuguesa. Se utilizó como método de análisis de la revista sus condiciones de realización y producción. Estas dos condiciones significan un conjunto de relaciones que se establecen en un contexto dado, entre los miembros de un grupo de personas. Es importante tenerlo en cuenta debido a que los cambios implican la combinación de estos dos tipos de factores. Como conclusión de este estudio podemos decir que la revista tuvo un gran impacto en la comunidad educativa portuguesa, ya que las concepciones que la revista defendía se oponían a la pedagogía tradicional que existía en ése momento en Portugal. La educación se forja en una comunidad de ideas y es posible identificar las que en la revista se materializan –la influencia de los principios pedagógicos del educador alemán es evidente en las opciones pedagógicas de los educadores portugueses de finales del siglo XIX. Creemos que legítimamente podemos decir que la revista *Froebel* condujo a una nueva concepción educativa. Con ella, se promovieron prácticas de enseñanzas innovadoras –viajes escolares, lecciones de cosas, museo educativo, guardería, educación física y artes.

PALABRAS CLAVE: prensa pedagógica, revista *Froebel*, innovaciones curriculares, Portugal.

1. INTRODUÇÃO

A emergência da imprensa pedagógica assinala a elevação do fenómeno educativo a dimensões nunca antes alcançado. O seu aparecimento significa que a educação passou a merecer a atenção e o interesse no debate público.

A imprensa veio oferecer a grande oportunidade e possibilidade do debate ter mais visibilidade e permitir a circulação de ideias. Como refere Hernández Díaz: «Por medio del periódico y la revista se informa y se crea opinión, se construyen espacios sociales colectivos, se defienden derechos (o se conculcan), y es un instrumento de comunicación social arraigado en la vida cotidiana de los ciudadanos».¹ A educação começa numa primeira fase a ocupar lugar de presença na imprensa generalista, mas depois consegue adquirir o estatuto de especialização temática. Seguindo ainda o autor atrás referido, a publicação pode ser considerada pedagógica quando na sua sequência temporal mantém um critério de atenção e estudo expressamente focado em assuntos que afectam os processos de educação, considerando-se nos seus diferentes contextos educativos e formativos.

A imprensa, ao se ter convertido num palco de debate de grande interesse, tornou-se parte do nosso património cultural. Através dela é possível saber: Quais os problemas educativos enunciados num determinado momento histórico? Que ideias e interesses se pretendem atacar e defender? Que expectativas e reivindicações mobilizam as pessoas? Quem são os actores envolvidos? Que controle (hegemonia) se pretende legitimar?.

Neste sentido, a imprensa apresenta-se como um objecto de investigação desejável no domínio da história da educação. Isto torna-se ainda mais importante para sabermos quais são as ideias genuinamente nossas e aquelas que resultam de influências exteriores. Se bem que a educação seja uma prática comum e inevitável em todas as sociedades, porém, o tipo de homem que se pretende atingir varia no espaço e no tempo. O problema dos fins e dos meios tem sido uma preocupação permanente ao longo da história. Não se trata apenas de educar mas de saber o que se pretende atingir com tal educação. É o problema do poder ser e o de relacionar os meios com os fins. Trata-se da polémica entre razão instrumental e da sua (in)subordinação aos porquês (fins) da educação.

¹ HERNÁNDEZ DÍAZ, José María. «Prensa pedagógica y patrimonio histórico educativo en España. Conceptualización y géneros textuales», HERNÁNDEZ DÍAZ, José María (Org). *Prensa Pedagógica y patrimonio histórico educativo*. Salamanca: Ediciones Universidad de Salamanca, 2013, p. 15.

Os diferentes países têm-se posicionado de forma diferenciada em relação a esta problemática. Tal como refere Benedict Anderson,² diremos igualmente que esta questão é de extrema importância, pois as sociedades distinguem-se precisamente pela maneira como são imaginadas. E as ideologias, diz-nos Fernandes,³ como processo de ideação ou de produção social de sentido, desempenham um papel importante no processo de legitimação. Porém, a maneira com as comunidades se imaginam não é um processo fechado sobre si próprias. A investigação, que se tem realizado no âmbito da linha de investigação das denominadas Teorias do Sistema Mundial, vem-nos dizer que o fenómeno educativo está preso numa complexa teia de relações.

Sendo a imprensa um espaço privilegiado para percebermos que ideias se colocaram a circular, a revista *Froebel* tem para nós um interesse particular como núcleo de difusão e construção de uma nova realidade educativa. Elegermos essa revista, como fonte principal do nosso estudo porque constitui uma fonte importante para sabermos como se colocaram a circular as ideias sobre Froebel no espaço português.

2. PROBLEMA

É significativo que, no arco cronológico que medeia os finais do século XIX e a primeira década do séc. XX, tenha surgido no panorama educativo português, um grande número de jornais pedagógicos. É relevante a emergência do jornalismo pedagógico. Este acontecimento não se restringe a Portugal. Espalha-se por diversos países. O contexto internacional vai no mesmo sentido. A este propósito, diz-nos Montes Moreno,⁴ que o número de revistas que se publicam em Espanha, em finais de Oitocentos, ultrapassa os oitenta e ilustra esta ideia com o intercâmbio do *Boletín de la Institución Libre de Enseñanza*. Este periódico correspondia-se com 48 revistas especialmente pedagógicas, 10 espanholas, 13 da América do Sul, 11 francesas, 6 da América do Norte, 4 alemãs, 2 portuguesas, 1 belga e 1 inglesa. Entre nós, temos *A Imprensa de Educação e Ensino. Repertório analítico (séculos XIX-XX)*, dirigida por António Nóvoa.

² ANDERSON, Benedict. *Comunidades imaginadas*. México: Fondo de Cultura Económica. 1993.

³ FERNANDES, Rogério. «Génese e consolidação do sistema educativo nacional (1820-1910)», PROENÇA, Maria Cândida (Org.). *O Sistema de Ensino em Portugal*. Lisboa: Edições Colibri, 1968, pp. 22-46.

⁴ MONTES MORENO. «La escuela moderna. Revista Pedagógica Hispano-Americana (1891-1934)», *Historia de la Educación* [Salamanca], n. 19, (2000), p. 403.

Esta importante obra –que inclui uma vasta gama de publicações periódicas (jornais escolares, revistas de estudantes, anuários, almanaques escolares, etc.)– é «um importante acervo documental (cerca de 5000 títulos) e constitui uma fonte insubstituível para o estudo da evolução das práticas escolares, das realidades institucionais e do comportamento dos diferentes actores educativos».⁵

Não é nosso propósito abordar a contribuição de todo este aparato da imprensa pedagógica. O seu valor histórico e a contribuição que deram para a difusão das ideias pedagógicas é de grande alcance. Necessariamente a compreensão do fenómeno educativo tem que passar pela análise do que foi publicado, pois a imprensa pedagógica, era o «lugar próprio da manifestação das ideias novas»,⁶ e o «grande veículo difusor e massificador da política no século XIX».⁷

A educação passou a fazer-se presente, quer dizer, passou a ter uma materialidade que nos dá as pistas necessárias para podermos reconstruir o fervilhar das preocupações educativas. Se temos um elevado número de periódicos e se dá voz à educação, quer dizer também que existe um número significativo de redactores e colaboradores que alimentam o diálogo. No espaço dos periódicos, vamos encontrar nas suas direcções e redacções, professores de assinalável preparação didáctica e os diversos artigos neles publicados são uma amostra significativa dos elementos da cultura escolar⁸ e pedagógica que florescia entre o professorado. E se parafrasearmos Eça Queirós –que humoristicamente escreve «de folhetim em folhetim se chega a S. Bento»⁹– diremos que muitos jornalistas, de artigo em artigo, granjearam notoriedade e conseguiram lugares de destaque no poder político e na hierarquia da administração pública, nomeadamente na área educativa.

⁵ NÓVOA, António. *A Imprensa de Educação e Ensino - Repertório analítico (séculos XIX-XX)*. Lisboa: IIE, 1993, p. xvii.

⁶ LOPES, Ana Maria Costa. *Imagens da mulher na imprensa feminina de Oitocentos. Percursos de modernidade*. Lisboa: Quimera Editores, 2005, p. 18.

⁷ MOREIRA, Fernando José Grave. *José Luciano de Castro. Itinerário, pensamento e acção política*. Dissertação de Mestrado. Lisboa: Universidade Nova de Lisboa, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, 1992, p. 26.

⁸ Acerca do conceito de cultura escolar, atentemos na definição de Dominique Julia: «on pourrait décrire la culture scolaire comme un ensemble de normes qui définissent des savoirs à enseigner et des conduites à inculquer et un ensemble de pratiques qui permettent la transmission de ces savoirs et l'incorporation de ces comportements, normes et pratiques étant ordonnées à des finalités qui peuvent varier suivant les époques». JULIA, Dominique. «La culture scolaire comme objet historique», *Paedagogica Historica. International Journal of the History of Education* [Gent], vol. 1, (1995), p. 354.

⁹ QUEIRÓS, Eça. *A Ilustre Casa de Ramires*. Lisboa: Publicações Europa-América, s/d, p. 19.

Baseando-nos em contribuições de um campo de investigação histórica e comparada em educação –que vem objectivando a compreensão da construção do discurso educacional moderno, com base nas transferências educacionais¹⁰– propomo-nos analisar, neste artigo, o que a revista *Froebel* trouxe de inovador para a realidade educativa portuguesa em finais de Oitocentos.

Se «a produção histórica é sempre uma forma do poder» e se «o poder se exprime, em particular, como tentativa consciente ou inconsciente de imprimir uma imagem sobre o futuro»,¹¹ e se um periódico é «un instrument de vulgarisation [...] et [...] un instrument de pouvoir et des pouvoirs»,¹² levantamos as seguintes interrogações: Que poderes estão relacionados com o lançamento deste jornal pedagógico? Que concepções educativas veiculam? Quem são os protagonistas? Que saberes curriculares são potencializados?

3. OBJECTIVOS

Os objectivos que presidiram a este estudo foram os seguintes:

- Interpretar as inovações curriculares veiculadas pela revista *Froebel*, no quadro do contexto educativo em Portugal nos finais do século XIX.
- Analisar o impacto educativo que a revista *Froebel* teve nos finais de Oitocentos.
- Discutir o valor histórico e formativo que as concepções educativas introduzidas pela revista *Froebel* tiveram na realidade portuguesa.

4. MÉTODO

A historização do conhecimento coloca algumas exigências. O fim do método, diz-nos Morin,¹³ é ajudar a pensar para responder à complexidade do problema. Diremos então que a análise que pretendemos efectuar para darmos resposta às questões levantadas anteriormente centra-se em torno das condições

¹⁰ Consulte-se: NÓVOA, António; SCHRIEWER, Junger (coord.). *A difusão mundial da escola*. Lisboa: Educa, 2000 é SCHRIEWER, Junger. *Formas de externalização no conhecimento educacional*. Lisboa: Educa, 2001.

¹¹ GOFF, Jacques Le. *Reflexões sobre a História* (Entrevista de Francesco Maiello). Lisboa: Edições 70, 2009, p. 77.

¹² LISBOA, João Luís. *Ciência e política. Ler nos finais do Antigo Regime*. Lisboa: INIC, 1991, p. 347.

¹³ MORIN, Edgard. *O método III. O conhecimento do conhecimento*. 2ª edição. Mem Martins: Publicações Europa-América. 1996, p. 29.

que tornaram possível a emergência e circulação de novas ideias pedagógicas. Este tipo de abordagem permite-nos entrar na interioridade da referida revista em análise, pois, como refere António Nóvoa,¹⁴ trata-se «d'un nouveau mode d'écriture de l'histoire» que implica a transição «d'une approche contextuelle vers une analyse textuelle» visando «saisir l'organisation des discours dans le temps et d'identifier leur présence dans la pensée pédagogique actuelle».

Consideramos as condições em dois eixos que se cruzam e reforçam – Condições de realização e Condições de produção. Estas duas condições significam um conjunto de relações que se estabelecem num determinado contexto, entre membros de um grupo de pessoas. As transformações implicam a conjugação de estes dois tipos de factores. É preciso um contexto que propicie a intervenção profícua de um grupo de pessoas que se move por ideais e que despoleta a mudança.

A conjugação destes factores propicia relações de poder, quer dizer, possibilita criar condições para alterar a realidade educativa. A revista *Froebel* surge como veículo divulgador e angariador de novos adeptos que é necessário conquistar para as novas ideias ganharem o acolhimento indispensável à mudança que se pretendem imprimir.

Nas condições de realização integramos o contexto que marcou o momento em que a revista emergiu. A génese da revista ocorreu num determinado momento político e educativo que importa indagar. Com o apuramento destas condições, pretendemos explicar o grau de pertinência e a potencialidade da criação da revista.

Nas condições de produção integramos os protagonistas e as concepções educativas (as inovações curriculares). A revista não se fez por si só, nem se construiu sem um ideal educativo. A revista fez-se porque existiram homens capazes de levar por diante um novo empreendimento educativo. Para compreendermos a revista não podemos negligenciar aqueles que investiram neste projecto, nem os ideais que perseguiram. Descobrir tudo isto é também perceber a outra parte do que a revista foi. Por outro lado, é também necessário considerar que os homens batem-se por ideias, por valores, por concepções. A revista não é um objecto neutro. Por isso, analisar as concepções veiculadas, é perceber o que se pretendia fazer circular e o que se pretendia mudar.

¹⁴ NÓVOA, António. *Histoire & comparaison (essais sur l'éducation)*. Lisboa: Educa, 1998, p. 24.

5. UMA NOVA BANDEIRA PEDAGÓGICA QUE SE ERGUE: A REVISTA *FROEBEL*

A 21 de Abril de 1882, dia do centenário do pedagogo alemão Friedrich Wilhelm August Froebel (1782-1852), a Câmara Municipal de Lisboa, no âmbito destas celebrações, inaugurava um Jardim de Infância froebeliano no Passeio da Estrela. Nesses mesmo dia, Adolfo Coelho (professor do Curso Superior de Letras) proferia uma conferência sobre o pedagogo alemão na Associação de Jornalistas de Lisboa. Nesse mesmo dia, sob os auspícios do pelouro de instrução camarário, surgia nas bancas uma nova revista intitulada precisamente *Froebel*. O periódico, que tem o subtítulo *Revista de Instrução Primária*, era dirigido por Feio Terenas (então bibliotecário geral do Município de Lisboa), por Ferreira Mendes (subchefe da Secretaria do pelouro de Instrução no Município de Lisboa) e Caetano Pinto (oficial da Secretaria do mesmo pelouro). A partir de Abril 1884, é António Maria de Freitas (professor de instrução primária) que passa a exercer as funções de secretário de redacção. Propriedade do Município de Lisboa, a revista era editada nesta cidade pela tipografia de Eduardo Rosa. Bimensal, saiu com regularidade até findar a sua publicação em Maio de 1885. Foram publicados um total de 24 números e 7 suplementos ao nº 24, ditos de Boletins das Conferências Pedagógicas realizadas na sede da 1ª circunscrição escolar e sala do palácio do Concelho [de Lisboa], sob a presidência do Ex.º sr. Inspector primário [Simões Raposo], em Outubro de 1884. A nota da Administração explicitava: «Com o fascículo nº 24 terminou a primeira série desta publicação, que enriquecida com os Boletins das Conferências Pedagógicas de Lisboa, formam um valioso volume, onde o magistério primário e as camaras municipais podem encontrar o que há «há de mais interessante tanto em legislação e suas aplicações, como em estudos sobre os modernos processos do ensino, e em factos importantes, históricos e pedagógicos, que de perto se ligam com a instrução primária, dentro e fóra do país».¹⁵

A direcção deste periódico apostou em inserir diversas secções: (i) artigos dedicados à vida, obra e método pedagógico de Froebel; (ii) artigos doutrinários sobre pedagogia; (iii) apresentação das leis sobre instrução de Portugal e de outros países; (iv) questões práticas do ensino elementar; (v) espaço escolar e (vi) estatísticas anuais sobre as escolas primárias portuguesas, comparando-as

¹⁵ *Froebel. Revista de Instrução Primária* [Lisboa], ano III, Suplemento 7 ao n. 24 (1884), p. 224.

com as de outros países, mas mantendo uma posição muito crítica sobre a situação de Portugal.

O quadro de colaboradores era constituído por destacados publicistas, muito dos quais perfilhavam o ideário político republicano e maçónico (Elias Garcia, Feio Terenas, Consiglieri Pedroso, Alves Correia,...).¹⁶ A revista era colaborada por docentes (Elias Garcia, Consiglieri Pedroso,...), directores de escolas (Adolfo Coelho, director da Escola Primária Superior Rodrigues Sampaio, Teófilo Ferreira, director da Escola Normal de Lisboa e, em 1882 vereador do pelouro da instrução,...), inspectores pedagógicos (Simões Raposo, Constantino Ferreira de Almeida, José da Cruz Alfaías,...) e outras personalidades da edilidade lisboeta (Caetano Pinto, Ferreira Mendes e outros). Não deixa de ser significativa –num período em que a mulher, na sua grande maioria, estava arredada do corpo redactorial de jornais– a inclusão de duas redactoras: Maria José da Silva Canuto que assina dois artigos, um sobre Froebel e outro sobre António Rodrigues Sampaio (um político e governante do Partido Regenerador). E Helena Elisa Teles de Meneses autora de um artigo sobre os jardins-de-infância.

Os autores que mais se destacaram na elaboração de artigos foram Feio Terenas (com 20 artigos), Alves Correia (com 17) e Adolfo Coelho (com 13). Feio Terenas, além de bibliotecário geral do município de Lisboa, foi um destacado republicano e maçom e um notável publicista. Alves Correia foi um tribuno e jornalista republicano que, além de colaborar em diversos periódicos, dirigiu o jornal *Vanguarda*, chegando mesmo a integrar as listas dos candidatos a deputados republicanos, no período que antecedeu a 1ª República. Adolfo Coelho tinha sido um dos promotores e interveniente das célebres Conferências do Casino (1871), historiador da literatura, e uma das figuras decisivas na constituição e desenvolvimento inicial da etnografia e da antropologia em Portugal.

¹⁶ A título de exemplo e focalizando-nos apenas na revista *Froebel*, objecto deste nosso estudo, diremos que Feio Terenas veio a dirigir o jornal *Os Debates* (1888-1891) e o *Vintém das Escolas* (1902-1905), bem como a ser eleito deputado republicano, em 1908 e, após a implantação da República, senador. Caetano Pinto, outro dos directores do *Froebel*, veio a dirigir a *Revista Pedagógica* (1903-1905) e foi secretário da Inspeção da 1ª circunscrição escolar. Consiglieri Pedroso, um dos redactores do *Froebel*, veio a ser director do Curso Superior de Letras. E Elias Garcia era professor na Escola do Exército, tinha sido director do jornal *Democracia* (1873-1881) e, em 1884, assume a direcção da *Revista Escolar Portuguesa* tendo sido eleito deputado republicano em diversas legislaturas.

6. UM NOVO IMAGINÁRIO CURRICULAR EMERGE COM A REVISTA *FROEBEL*

6.1. *O cuidar da infância: um novo ethos*

Como a revista que estamos a analisar surgiu, no panorama editorial português, no âmbito das comemorações do 1º centenário de Froebel, não admira por isso que no plano discursivo apareçam inúmeras expressões encomiásticas, recheada de metáforas e de epítetos valorativos, ao pedagogo alemão: «Froebel! Salvé divino mensageiro de paz e de sorrisos cândidos! A tua imagem avulta-nos coroada com uma auréola de luz suavíssima! Em torno de ti revelam-se turmas de mulheres e de crianças, exaltando o teu nome, com suas vozes argentinas, em cânticos de amor, que ressoam por toda a Europa, que se prolongam até a América, e que...só tarde, muito tarde, chegam a Portugal». ¹⁷ «[...] um homem extraordinário, que viu expirar o último século no meio das esplêndidas revoluções pela dignidade humana, que viu cair os velhos preconceitos, feridos pela obra imarcescível dos filósofos da enciclopédia; que viveu sob a influência dos metafísicos da Alemanha, que respirou o misticismo de uma época já distante e legou à posteridade o meio prático para revolucionar o mundo e torná-lo feliz». ¹⁸

São igualmente diversos os artigos dedicados à temática dos jardins-de-infância. Helena Elisa Teles Menezes sublinha a importância do método de Froebel para a aprendizagem da criança: «rindo, brincando, acarinhada e meiga, sem esforço e sem violência, sem constrangimento algum aprenderá insensivelmente a raciocinar, a deduzir [...] a ser uma individualidade livre, com pensamentos e raciocínios seus». ¹⁹

Num outro artigo assinado pela Redacção, os autores sustentam que o educador alemão se terá inspirado no *Emílio*, de Jean-Jacques Rousseau ao preconizar a necessidade para a criança do contacto com a natureza: «Brincando com um insecto dá-lhe [à criança] noções de trabalho, no exemplo do trabalho daquele ser rudimentar; vendo uma ave atravessando os ares diz-lhe como se sustem no espaço; junto do tronco serrado da velha árvore, mostra-lhe as camadas circulares e explica-lhe como cada rodinha daquelas corresponde a um ano de vegetação ou vida». ²⁰

¹⁷ *Froebel. Revista de Instrução Primária* [Lisboa], ano 1, n. 1 (1882), pp. 3-4.

¹⁸ *Ibidem*, p. 8.

¹⁹ *Ibidem*, p. 7.

²⁰ *Ibidem*, p. 8.

É recorrente a ideia de que o sistema froebeliano, ao ser uma reivindicação das leis da natureza, veio lançar por terra e para sempre a velha pedagogia abstracta e formalista. E neste sentido, é apresentado, nas páginas da revista *Froebel*, o plano curricular proposto pelo pedagogo alemão e que irai ser seguido no Jardim-Escola recentemente inaugurado em Lisboa, sob os auspícios da Câmara Municipal de Lisboa: O 1º grau contemplava as seguintes disciplinas: 1. Religião, 2. Exercícios corporais e a compreensão do mundo exterior (ensino de coisas), 3. Linguagem, 4. Teoria dos números, das formas das grandezas, 5. Desenho, 6. Canto. O 2º grau de ensino incluía: 1. Geografia, 2. História natural, física e química, 3. Tecnologia, 4. Línguas clássicas (grega e latina), 5. Algumas línguas modernas (italiano, francês, inglês), 6. A língua materna.

Ainda no âmbito dos Jardins-de-infância, Adolfo Coelho apresentou à Junta Departamental do Sul, eleita no Congresso das Associações Portuguesas, a proposta de uma Escola modelo em Lisboa que compreenderia um jardim de infância em que as crianças seriam educadas, física, moral e intelectualmente. Junto da escola haveria:

1. Um jardim,
2. Um espaço livre para exercícios ginásticos e militares
3. Um tanque para aprendizagem da natação
4. Um museu e uma biblioteca escolares.

Nesta escola modelo, Adolfo Coelho já defendia a coeducação «A escola modelo será para os dois sexos, sendo comuns para ambos o jardim de infância e a escola intermédia».²¹

O articulista João José de Sousa Teles também disserta sobre esta temática sustentando a necessidade da educação da infância para evitar a atrofia física, intelectual e moral e para que não «batam à porta da escola primária doentes do corpo e do espírito».²²

Em suma: a revista formalizou uma grande campanha a favor da teoria froebeliana, seja pelos artigos dedicados à vida e obra de Froebel, seja pelos artigos de fundo focalizados nos jardins-de-infância, cuja criação ficou ligada ao seu nome. Curiosamente, é realçado o papel da Câmara Municipal de Lisboa na construção duma escola infantil no Jardim da Estrela –da qual é mostrado o alçado e a planta– e que seguirá os processos educativos de Froebel:

²¹ *Froebel. Revista de Instrução Primária* [Lisboa], ano I, n. 10 (1882), p. 75.

²² *Froebel. Revista de Instrução Primária* [Lisboa], ano II, n. 14 (1883), p. 105.

as ocupações infantis que devem servir para «exercitar os sentidos internos e externos das crianças: a vista, o ouvido, o tacto, o olfacto, o paladar, o sentido da forma, da cor, da grandeza, do número». Estas ocupações levam a criança a «traduzir essas impressões pela sua representação externa e a reforçar, enriquecer e consolidar as suas faculdades perceptivas e de observação».²³

6.2. Educar de outra maneira: buscar uma nova relação com o corpo

Froebel preconiza que as crianças brinquem e façam «carreiras por entre o arvoredado dos bosques» bem como que lhes seja proporcionado o contacto com a natureza. Defende, assim, desde os primeiros anos, o desenvolvimento natural do corpo e do espírito. «O corpo foi dado ao homem como instrumento do seu espírito: portanto exige o corpo humano, tanto como o espírito, uma educação em todas as direcções, completa, acomodada à sua natureza; [...] nos exercícios do corpo este deveria ser desenvolvido convenientemente para cada ocupação futura».²⁴

Ao mesmo tempo que se advogam os exercícios físicos para a criança, os articulistas da revista também defendem a Instrução Militar na escola primária e no liceu.²⁵ É o caso, por exemplo, do republicano e maçom, Elias Garcia, lente da Escola do Exército, que defende a introdução nas escolas da educação física e militar, à semelhança do que acontecia na Alemanha, Suíça, e França: «Folgamos em ver patrocinada a ideia de introduzir a educação física e militar na escola primária e estimaríamos apenas que ao ser iniciada encontrasse o favor, que hoje lhe dispensam os países civilizados». O autor faz referência a uma conferência proferida pelo lente da Escola do Exército, Aniceto Marcolino Bento da Rocha, a 9 de Setembro de 1869 na qual já este consignava o pensamento de estabelecer «exercícios de ginástica e armas nos liceus». Elias Garcia lamenta que esta proposta tenha «passado despercebida ou tenha sido considerada extravagante». Com a criação da escola primária central de Lis-

²³ Froebel. *Revista de Instrução Primária* [Lisboa], ano 1, n. 1 (1882), p. 6.

²⁴ Froebel. *Revista de Instrução Primária* [Lisboa], ano 1, n. 3 (1883), p. 1.

²⁵ A Instrução Militar Preparatória «visava concomitantemente a formação moral e patriótica dos jovens e a sua preparação física» [...] constituindo «como uma nova tecnologia política do corpo» com o objectivo de «produzir uma nova utilidade social e uma nova consciencialização cívica». BRÁS, José Gregório Viegas; GONÇALVES, Maria Neves. «As disposições interiorizadas nas Sociedades de Instrução Militar Preparatória», *Educação i Història. Revista d'història de l'educació* [Barcelona], n. 13 (Jan-Junho 2009), pp. 112-113. Sobre as Sociedades de Instrução Militar Preparatória, consulte-se: Ibídem, pp. 109-128 é BRÁS, José Gregório Viegas; GONÇALVES, Maria Neves. «A Instrução Militar Preparatória na 1 República. A Ginástica da Educação Cívica. A Educação Cívica da Ginástica», *Vértice* [Lisboa], n. 144 (2009), pp. 49-66.

boa, em 1875-76, ele, Elias Garcia, na qualidade de vereador da instrução na municipalidade lisboeta, consignou uma das verbas para o ensino de ginástica e instrução militar. No ano seguinte, o então vereador Luís Jardim criou o lugar de professor de ginástica e activou os trabalhos do projectado ginásio. Na lei de 2 de Maio de 1878, a ginástica passou a integrar o plano de estudo do ensino complementar, contudo «não deixou de merecer reparos, senão censuras, em uma das casa do parlamento, o incluir na lei a ginástica para meninas».²⁶

Também Adolfo Coelho critica o ensino tradicional e rotineiro no qual qualquer inovação como «o ensino da ginástica encontra resistências». E cita um excerto do *Emílio*, de Rousseau para demonstrar como este filósofo das Luzes defendia a prática de exercícios físicos: «Mancebo [...] aprende a manejar com um braço vigoroso o machado e a serra, a esquadriar uma trave, a subir a uma cumieira, a assentar o pau de fileira».²⁷

Imbuído, pois, da necessidade dos exercícios ginásticos, Adolfo Coelho, na proposta de uma Escola modelo em Lisboa, apresentada à Junta Departamental do Sul, eleita no Congresso das Associações portuguesas, apresenta um plano de estudos que engloba: 1) Jogos infantis, 2) Ginástica, 3) Desenvolvimento dos sentidos, 4) Passeios livres, 5) Exercícios militares, e 6) Natação. O autor justificava este plano de estudos para que no jardim de infância as crianças sejam educadas física, moral e intelectualmente.²⁸ E insiste no aforismo *mens sana in corpore sano*: «Quando a pedagogia considera a ginástica, o trabalho manual e outros exercícios da escola sob o ponto de vista físico, julga ter neles a condição necessária do bom desenvolvimento intelectual e moral».²⁹

Um outro articulista da revista que vem igualmente defender a importância da Ginástica é Rodrigues da Costa no artigo *O Batalhão Escolar do Município Lisbonense*. O autor, recorrendo aos exemplos da Alemanha, da Suíça e da França, defende a educação militar na escola citando o general Trouchu, que «servir no exército é desempenhar um mandato público e não exercer um mester», o qual argumenta que «os soldados do serviço obrigatório que constituem a nação armada devem achar na companhia, no esquadrão ou na bateria a continuação da escola primária ou do colégio no ensino, tornado

²⁶ Froebel. *Revista de Instrução Primária* [Lisboa], ano 1, n. 7 (1882), p. 52.

²⁷ Froebel. *Revista de Instrução Primária* [Lisboa], ano 1, n. 8 (1882), p. 58.

²⁸ Froebel. *Revista de Instrução Primária* [Lisboa], ano 1, n. 10 (1882), p. 75.

²⁹ Froebel. *Revista de Instrução Primária* [Lisboa], ano 1, n. 10 (1882), p. 75

especial e prático dos princípios e deveres do seu novo estado». ³⁰ Rodrigues da Costa elogia a obra de Elias Garcia que criara os batalhões escolares na câmara municipal de Lisboa tendo sido nomeados, nas seis escolas centrais do sexo masculino, professores de ginástica e exercícios militares, entre os quais se contam «ilustres oficiais do exército». «A instrução militar é para nós um factor essencial da educação do povo, ensina a subordinação do indivíduo ao interesse geral, acorda o sentimento da ordem social, fortifica a confiança em nós mesmos e constitui principalmente um poderoso meio de unificação nacional». ³¹

6.3. *Um novo olhar sobre o trabalho educativo da mão*

Froebel era um defensor do trabalho manual na escola. Segundo ele, «o trabalho manual será um elemento de educação geral, na escola primária, no liceu, porventura na escola superior, tanto como o desenho, a ginástica e a música». ³² É, partindo deste pressuposto, que Adolfo Coelho assina na revista *Froebel* um artigo intitulado «O trabalho manual na escola primária». No sentido de legitimar esta sua proposta, Adolfo Coelho socorre-se de vários autores. Do sofista Hippias «que se gabava de ter feito com as suas próprias mãos as suas vestes, sapatos, anel e vaso para azeite». De Locke que defendia que para recreação se ensinasse ao educando um ofício, na cidade o de carpinteiro, torneiro, marceneiro, perfumista envernizador, no campo o de hortelão ou agricultor, argumentando a sua utilidade para a vida e o desenvolvimento físico, pelo movimento do corpo. De Rousseau, quando este autor sustentava a necessidade do Emílio aprender «um ofício honesto e útil ao público». E de Louis Bourdon, que num *Projet de Reglement présenté à la municipalité de Paris*, em 1792, defendia que nas escolas primárias de Paris fossem estabelecidas oficinas para ocupar com trabalhos manuais as crianças. Bourdon chegou a pôr em prática os seus métodos pedagógicos no asilo de Órfãos. Um outro autor convocado por Adolfo Coelho é o do ministro francês Duruy, que, a exemplo das *Realschule* da Alemanha, afirmava: «penso que pode fazer-se no colégio especial a educação da mão, como se faz pela música, a do ouvido, pelo desenho, a dos olhos, pela ginástica a do corpo inteiro». ³³

³⁰ *Froebel. Revista de Instrução Primária* [Lisboa], ano II, n. 13 (1883), p. 99

³¹ *Ibidem*.

³² *Froebel. Revista de Instrução Primária* [Lisboa], ano I, n. 8 (1882), p. 57.

³³ *Ibidem*, p. 60.

É também Adolfo Coelho que, na proposta de uma Escola modelo em Lisboa, defendia uma área de saber do que ele designa Educação para vida prática (profissional). Essa área incluía: 1) Jardinagem, 2) Escrituração, 3) Trabalhos manuais. Os trabalhos manuais eram diferenciados quanto ao sexo. Para os rapazes seria a aprendizagem da serralharia e carpintaria. Para as raparigas seria a costura e os bordados.

Em suma: Adolfo Coelho demonstrou que os grandes pedagogos da época são unânimes em recomendar o trabalho manual como elemento de educação geral, concluindo que as crianças receberam os trabalhos manuais com alegria e zelo, o que pode indiciar um bom êxito educativo.

6.4. *Sair da escola para a vida e da vida para a escola – uma pedagogia de proximidade*

Na discursividade da revista *Froebel*, aparecem diversos dispositivos pedagógicos que fazem parte do projecto de modernização pedagógica para Portugal. Como bem assinalaram Pintassilgo e Fernandes,³⁴ os discursos dos colaboradores da revista *Froebel* enfatizam, com frequência, o contraste que acreditam existir entre a velha pedagogia e a moderna pedagogia. Foi necessário criar actividades como as excursões escolares, o museu pedagógico e as bibliotecas escolares para que, na expressão de Simões Raposo, a «velha pedagogia abstracta e formalista», e para que, na fraseologia de Feio Terenas, «a velha escola e o velho professor desapareçam nos estados civilizados».

As excursões escolares representavam, na óptica de João José de Sousa Teles, um meio do professor desenvolver as faculdades intelectuais dos seus discípulos e aperfeiçoar-lhes as faculdades morais e os dotes físicos.³⁵

O educador alemão, de que nos vimos ocupando, também preconizava que o aluno deveria sair, sempre que fosse necessário, da aula para o gabinete de física, laboratório de química, museu de história natural e quando o tempo o permitisse para o campo. Segundo Feio Terenas, as excursões escolares permitem o estudo do clima, da geografia, da etnografia, da arqueologia ao mesmo tempo que propiciam o exercício corporal.³⁶ Num outro artigo dedi-

³⁴ PINTASSILGO, Joaquim; FERNANDES, Ana Lúcia Cunha. «A influência alemã e a construção da modernidade pedagógica em Portugal. O exemplo da revista *Froebel* (1882-1885)», HERNÁNDEZ DÍAZ, José Maria (coord.). *Influencias alemanas en la Educación Española e Iberoamericana (1809-2009)*. Salamanca: Globalia Ediciones Anthema, 2009, p. 555.

³⁵ *Froebel. Revista de Instrução Primária* [Lisboa], ano II, n. 16 (1883), p. 123.

³⁶ *Froebel. Revista de Instrução Primária* [Lisboa], ano III, n. 18 (1884), p. 138.

cado também a esta temática, Feio Terenas dá indicações ao professor para preparar esta actividade: distribuir aos alunos mapas onde se anote tudo o que houver de interessante na viagem que se vai fazer: as plantações próprias da estação, a natureza do solo, os métodos de cultura, as explorações industriais, os monumentos notáveis, etc.³⁷

Um outro dispositivo importante para a modernidade pedagógica, anunciado na revista *Froebel*, foi o museu escolar instalado no edifício da Escola nº 6 de Lisboa. Segundo Feio Terenas, foi inaugurado no palácio do sr Conde de Paraty, a Santa Isabel a 1 de Julho de 1883, tendo sido o primeiro estabelecimento do género em Portugal. O museu ficou a dever-se ao então vereador do pelouro da instrução da Camara Municipal de Lisboa. Quem dirigiu e organizou o Museu Pedagógico foi Adolfo Coelho que «fez escolha de muitos aparelhos, e de todos os livros de que se compõe a biblioteca pedagógica, anexa ao museu». Segundo Mogarro e Sanches,³⁸ «o conjunto dos cerca de três mil livros que constituem o catálogo da Biblioteca da Escola Rodrigues Sampaio, revelou um número significativo de obras em língua alemã ou que, sendo publicadas em outras línguas, são relativas aos pedagogos, ao sistema educativo ou às questões pedagógicas decorrentes da realidade vivida na Alemanha». Uma das iniciativas de Adolfo Coelho foi fazer no museu pedagógico municipal um curso de pedagogia fröbeliana às segundas e sextas-feiras das 3h às 4h da tarde, destinado exclusivamente ao pessoal da escola e às classes infantis [...] e a algumas alunas dos cursos dominicais que desejem dedicar-se ao professorado.³⁹

O museu pedagógico era de facto uma instituição de formação, destinada aos professores. Feio Terenas que dedica a esta temático um artigo na revista *Froebel* sublinha que, nos outros países civilizados, já existiam os museus pedagógicos e que estes são «uma exposição de factos destinados ao estudo da pedagogia comparada e que possibilitasse comparar os meios e os processos de ensino e educação em uso ou remotos, quer sejam de um quer de muitos países, de um determinado período ou de uma extensa época, o mesmo é que

³⁷ *Froebel. Revista de Instrução Primária* [Lisboa], ano III, n. 19 (1884), p. 146.

³⁸ MOGARRO, Maria João; SANCHES, Isabel. «A presença de obras alemãs nas bibliotecas portuguesas; a acção pedagógica de Francisco Adolfo Coelho», HERNÁNDEZ DÍAZ, José Maria (coord.). *Influencias alemanas en la Educación Española e Iberoamericana (1809-2009)*. Salamanca: Globalia Ediciones Anthem, 2009, p. 542.

³⁹ *Ibidem*, p. 540.

dispor de factos a que aplicar a observação, ler nas observações dos outros e, por consequência, reunir os melhores elementos de estudo». ⁴⁰

A par do museu pedagógico, as bibliotecas municipais «são o complemento da escola e os fios condutores da instrução». ⁴¹ Cabe neste passo, sublinhar, que Feio Terenas, bibliotecário geral do município lisboeta, abre, naturalmente, um largo espaço na revista ao tema das bibliotecas municipais: dá informações relevantes com indicadores diversos de cada uma das bibliotecas (leitores habituais, número médio de leitores, mapas estatísticos de leitura, as obras mais requisitadas, etc.).

Em síntese: a revista *Froebel* foi um veículo importante para a disseminação destas inovações pedagógicas entre a classe docente.

7. CONCLUSÃO

A pertença à educação não tem território fixo. O espaço vital da educação está para além das fronteiras terrestres. Através da análise realizada podemos dizer que as inovações curriculares preconizadas pela revista *Froebel* expressam concepções educativas que estão vinculadas a outras origens que não a nossa. Como foi possível demonstrar, os colaboradores da revista *Froebel* apropriaram-se de uma matriz pedagógica e de modelos culturais da Alemanha mas também de outros países como a França, Espanha e Suíça.

A educação é forja-se numa comunidade de ideias. Isso é possível identificar no que a revista materializa –a influência dos princípios pedagógicos do educador alemão, é evidente nas opções pedagógicas dos educadores portugueses de finais de Oitocentos. Sem dúvida que esta publicação permitiu a Portugal colocar-se no circuito de circulação e apropriação de métodos de ensino condizentes e conducentes à modernização pedagógica do país. Por isso podemos dizer que a revista teve um grande impacto na comunidade educativa portuguesa, já que as concepções educativas que defendia chocou frontalmente com a educação tradicional que vigorava na altura em Portugal.

Não deixa de ser curioso que parte desta dinâmica inovadora dada à educação se tenha feito a partir da Câmara Municipal de Lisboa. Do nosso ponto de vista, isto justifica-se devido certamente, aos titulares da vereação camarária lisboeta (Elias Garcia, Teófilo Ferreira, Feio Terenas) bem como a personalida-

⁴⁰ *Froebel. Revista de Instrução Primária* [Lisboa], ano II, n. 16 (1883), p. 122.

⁴¹ *Froebel. Revista de Instrução Primária* [Lisboa], ano II, n. 15 (1883), p. 114.

des da intelectualidade portuguesas (Adolfo Coelho, Simões Raposo, Consiglieri Pedroso, e outros) que eram redactores desta revista.

Consideramos legítimo poder afirmar que com a revista *Froebel* surge um novo enraizamento educativo. A partir dela é possível estabelecermos ligações com as práticas pedagógicas inovadoras. Veja-se a apologia das excursões escolares, das lições das coisas, do museu pedagógico, dos jardins-de-infância, e a assunção por novas apostas curriculares (educação física, trabalhos manuais,...). A este propósito veja-se o que disse Feio Terenas, o director da revista *Froebel*, no momento da abertura da Biblioteca Municipal Central em Lisboa: «Assim a Ex^a Câmara Municipal [...] dotou sucessivamente a cidade de Escolas Centrais que hoje se podem ver completas, conforme os melhores modelos da Europa e da América; [...] do jardim Froebel para educação dos sentidos nas primeiras idades; do museu pedagógico para a história da instrução nacional e para o estudo da pedagogia comparada; da caixa económica escolar; dos cursos dominicais; dos batalhes escolares tão próprios para radicar o brio e a disciplina no espírito dos cidadãos [...] e finalmente das Bibliotecas Municipais que são o complemento da escola, os fios condutores da instrução».⁴²

Toda esta nova cultura educativa permite-nos dizer que ela foi tributária e precursora dos ideais da Escola Nova que, como se sabe, atingiu em Portugal o seu apogeu, na década de 20 do séc. XX. Neste sentido podemos dizer que a revista *Froebel* tem um elevado valor histórico, pois também com ela e a partir dela foi possível pensar a educação de outra maneira. Com ela temos a emergência de novos valores que vão marcar a educação. Foi neste ponto da história que se enunciou um novo sentido para a educação. Esta «revolta» dos valores vai exigir novos cuidados educativos.

BIBLIOGRAFIA

- ALMEIDA, Pedro Tavares. *Nos bastidores das eleições de 1881 e 1901. Correspondência política de José Luciano de Castro*. Lisboa: Livros Horizonte, 2001.
- ANDERSON, Benedict. *Comunidades imaginadas*. México: Fondo de Cultura Económica, 1993.

⁴² *Froebel. Revista de Instrução Primária* [Lisboa], ano II, n. 16 (1883), p. 114.

- ARIÉS, Philippe. *A criança e a vida familiar no Antigo Regime*. Lisboa: Edições Relógio D'Água, 1988.
- BRÁS, José Gregório Viegas. *A fabricação curricular da Educação Física. História de uma disciplina desde o Antigo Regime até à I República*. Dissertação de Doutoramento. Lisboa: Universidade de Lisboa, Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação, 2006.
- BRÁS, José Gregório Viegas; GONÇALVES, Maria Neves. «A Instrução Militar Preparatória na I República. A Ginástica da Educação Cívica. A Educação Cívica da Ginástica», *Vértice* [Lisboa], n. 144 (2009), pp. 49-66.
- BRÁS, José Gregório Viegas; GONÇALVES, Maria Neves. «As disposições interiorizadas nas Sociedades de Instrução Militar Preparatória», *Educació i Història. Revista d'història de l'educació* [Barcelona], n. 13 (Jan-Junho 2009), pp. 109-128.
- BRÁS, José Gregório Viegas; GONÇALVES, Maria Neves. «O Fazer ver o Ensino em Portugal com o Olhar Alemão», HERNÁNDEZ DÍAZ, José Maria (coord.) *Actas del Congreso Internacional Iberoamericano de Salamanca. Influencias alemanas en la Educación Española e Iberoamericana (1809-2009)*. Salamanca: Globalia Ediciones Anthema, 2009, pp. 485-501
- CATROGA, Fernando. *O republicanismo em Portugal – da formação ao 5 de Outubro*. Lisboa: Editorial Notícias, 2000.
- FERNANDES, Rogério. «Génese e consolidação do sistema educativo nacional (1820-1910)», PROENÇA, Maria Cândida (Org.). *O Sistema de Ensino em Portugal*. Lisboa: Edições Colibri, 1968, pp. 22-46.
- FERREIRA, Alberto. *Estudos de cultura portuguesa século XIX*. Lisboa: Moraes Editores, 1980.
- GOFF, Jacques Le *Reflexões sobre a História* (Entrevista de Francesco Maiello). Lisboa: Edições 70, 2009.
- HERNÁNDEZ DÍAZ, José María. «Imágenes escolares de Portugal en la España del liberalismo (1812-1936). Encuentros y distancias», *Eixo Atlántico. Revista da Eurorrexión Galicia-Norte de Portugal* [Vigo], n. 4, (2003), pp. 53-82.
- HERNÁNDEZ DÍAZ, José María. «Prensa pedagógica y patrimonio histórico educativo en España. Conceptualización y géneros textuales», HERNÁNDEZ DÍAZ, José María (Org.). *Prensa Pedagógica y patrimonio histórico educativo*. Salamanca: Ediciones Universidad de Salamanca, 2013, pp. 15-32.
- FERNANDES, Antonio. *Os fenómenos políticos. Sociologia do poder*. Porto: Edições Afrontamento, 1988.

- HOMEM, Amadeu Carvalho. *A propaganda republicana (1870-1910)*. Coimbra: Coimbra Editora, 1990.
- JULIA, Dominique. «La culture scolaire comme objet historique», *Paedagogica Historica. International journal of the history of education* [Gent], vol. I, (1995), pp. 354-382.
- LISBOA, João Luís. *Ciência e política. Ler nos finais do Antigo Regime*. Lisboa: INIC, 1991.
- LOPES, Ana Maria Costa. *Imagens da mulher na imprensa feminina de Oitocentos. Percursos de modernidade*. Lisboa: Quimera Editores, 2005.
- MOGARRO, Maria João; SANCHES, Isabel. «A presença de obras alemãs nas bibliotecas portuguesas; a acção pedagógica de Francisco Adolfo Coelho», HERNÁNDEZ DÍAZ, José Maria (coord.). *Influencias alemanas en la Educación Española e Iberoamericana (1809-2009)*. Salamanca: Globalia Ediciones Anthema, 2009, pp. 535-549.
- MONTALVOR, Luís de. *História do regime republicano em Portugal*. Lisboa: Empresa Editorial Ática, 1932-1935 (2 vols).
- MONTES MORENO. «La escuela moderna. Revista Pedagógica Hispano-Americana (1891-1934)», *Historia de la Educación* [Salamanca], n. 19, (2000), pp. 413-429.
- MOREIRA, Fernando José Grave. *José Luciano de Castro. Itinerário, pensamento e acção política*. Dissertação de Mestrado. Lisboa: Universidade Nova de Lisboa, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, 1992.
- MORIN, Edgard. *O método III. O conhecimento do conhecimento*. 2ª edição. Mem Martins: Publicações Europa-América. 1996.
- NÓVOA, António. *A Imprensa de Educação e Ensino - Repertório analítico (séculos XIX-XX)*. Lisboa: IIE, 1993.
- NÓVOA, António. *Histoire & comparaison (essais sur l'éducation)*. Lisboa: Educa, 1998.
- NÓVOA, António; SCHRIEWER, Junger (coord.). *A difusão mundial da escola*. Lisboa: Educa, 2000.
- PINTASSILGO, Joaquim; FERNANDES, Ana Lúcia Cunha. «A influência alemã e a construção da modernidade pedagógica em Portugal. O exemplo da revista *Froebel* (1882-1885)», HERNÁNDEZ DÍAZ, José Maria (coord.). *Influencias alemanas en la Educación Española e Iberoamericana (1809-2009)*. Salamanca: Globalia Ediciones Anthema, 2009, pp. 551-567.
- PROENÇA, Maria Cândida. *A reforma de Jaime Moniz*. Lisboa: Edições Colibri, 1997.

- WARTOFSKY, Marx. «A construção do mundo da criança e a construção da criança do mundo» OMAR, Walter; KENNEDY, David (Org.). *Filosofia e infância*. Petrópolis: Editora Vozes, pp. 89-128.
- QUEIRÓS, Eça. *A Ilustre Casa de Ramires*. Lisboa: Publicações Europa-América, s/d.
- SANTOS, Delfim. *Fundamentação Existencial da Pedagogia*. Lisboa: Gráfica Lisbonense, 1946.
- SCHRIEWER, Junger. *Formas de externalização no conhecimento educacional*. Lisboa: Educa, 2001.
- TELES, Basílio. *Do Ultimatum ao 31 de Janeiro*. Lisboa: Portugália Editora, 1968 [1905]).
- VIÑAO, Antonio; ESCOLANO, Agustín. *Currículo, espaço e subjectividade. A arquitectura como programa*. São Paulo: DP & A Editora, 1998.